

textos dos alunos

Vanms

Boa sorte

Eram só sete da manhã e já tava todo cagado. Tinha que chegar cedo no trampo e saí de casa no susto porque esqueci de colocar a porra do celular pra despertar. Ando aéreo, mas nesse dia até que tava atento. A bosta caiu do céu na Pedroso com a Teodoro. Dia desses vi maluco arrancar o telefone do cara na minha frente. O tio ainda tentou segurar mas o malandro puxou com a esquerda, enquanto socava a cara dele com a direita. Se tivesse armado tinha virado estatística, só olho roxo não sai no jornal. Cagada também não vira notícia, mas bem que devia. E vinha eu, atrasado pra cacete, atento à malandragem da rua, sem me ligar que castigo vem de cima. Parei no farol, meu Santana 89 num bordô lustrado em cera carnaúba domingo sim, domingo não. Tiro mó onda na nave, que já rodou mais que notícia ruim. Economizei pra trocar mas mudei de ideia, tenho apego. O carrinho do vô tá na minha mão desde que tirei carta, e quando abro o quebra-vento angulando trinta graus todo mundo paga pau. Só que aí veio aquela bosta verde nem sei de onde, metade líquida metade granulada, no susto. Foi tão chocante o estrago que demorei pra entender, achei que era assalto. O coração bombou e veio aquela descarga de adrenalina, tá ligado? Quando percebi a letra tive que segurar o bucho pra não vomitar. A bufa veio pesada do além, bateu na ponta de cima do quebra-vento e se espalhou quicando. Boa parte na lente esquerda do ray-ban novinho, mas

Vanms nasceu em São Paulo, em 1977. É advogada, psicanalista e escritora em formação.

também tinha meleca na direção, na manga da camiseta, no celular, no painel e, pasmém!, senhoras e senhores, no quebra-sol do lado do passageiro. Não sabia bem o que fazer dali pra frente. Voltar pra casa é que não dava. Puxei o paninho lustra-móveis do porta-luvas, fechei o quebra-vento pra gosma parar de pingar pra dentro e fingi normalidade.

Cheguei no trampo e a Karla, na entrada, deu aquela risadinha. Debochada desgraçada, deixa ela. De segunda a quarta ela só sabe me zoar. Na quinta começa a falar mole preparando o trouxa pra na sexta pedir carona lá pra zona norte onde mora a vó dela. Caí no truque um par de vezes. Lá na puta que pariu do Tremembé, santinha engasgando, e a mina não oferece nem um copo d'água. Da última vez falei “só se pagar a gasolina”. Sô gente fina, mas não só mané.

Fui direto pro banheiro jogar uma água na cara. Tentei limpar a roupa e acho até que tá suave. Cruzei com a Marcinha estagiária no corredor e ela disse que tava táidái, sei lá que porra é essa, devia tá me zoando também, a patricinha.

Subi pro terceiro andar de escada, pra fugir da gozação. Dr. Claudio já tava lá na mesa dele com cara de bronca. Não que tivesse puto comigo, ele nunca fica, só quando a cagada é histórica como daquela vez que mandei email pra ele chamando o cliente de cuzão com o cuzão copiado. Aquele dia foi foda, mas eu tava precisando desabafar, levei um pito de respeito na frente da Marcinha e do playboy novo que almoça com ela. Mas depois o chefe ficou com dó e arregou, sabia que no fundo eu tava certo. A cara feia de hoje era por “questões pessoais”, disse o Dr. Claudio. Gosto quando ele fala bonito comigo sem querer ser brodinho como faz o Rui, sócio dele, que só dá as caras de vez em quando. Fiquei pensando que também podia apelidar minha cagada de “questões pessoais” e pedir pra ir embora mais cedo. Toda quarta tem promoção no lava-rápido do posto até três da tarde. Sentei na minha baia, loguei no sistema e fingi que tava ocupado até duas e meia. Essa hora o Rui apareceu do nada e tava bem esquisito.

“Fala, moleque!”, soltou com um supetão mal calculado que pegou de raspão na minha orelha e arrancou meu ray-ban da testa. “Tenho um trampo pra hoje fora do escritório, tava aqui pensando se você num tá a fim de fazer um extra.”

“Passa a visão que tô na bala, mas só ando na legalidade, tá ligado?”
Ficava forçado quando tirava de malandro pra corresponder às expec-

tativas do Rui. Mas tirar uma com a cara dele enquanto ele acha que tá tirando uma com a minha é minha versão de “autocuidado”. Puta zé-mané preconceituoso do cacete. Só porque moro em Osasco. O cara acha que periferia é tudo igual. Quando tiver saco explico que estudei em colégio de freira e que meu avô pagou centavo por centavo sem atraso. Escola particular, vacilão! Passei rasteira na irmã Juliana no corredor, mas isso foi o auge da minha malandragem. Mané tipo o Rui acha que cresci jogando pelada no morro. Só que Osasco nem morro tem e, se tem, nunca pisei lá. Passei a infância tomando toddy e assistindo reprise do Chaves. Morava tão colado no shopping que se tropeçasse na calçada caía na praça de alimentação. E ia de bike quase todo dia lá pros lados da Vila Leopoldina, onde o mané mora. Sou malandro-patchwork, como disse uma mina que eu saía, que depois achou um malandro puro-sangue só pra ela.

O Rui queria que fosse fazer uma entrega pra ele lá na zona Norte, perto da vó da Karla. Não tava a fim de ir não, mas ele me encheu o saco. Deixou o pacote na minha mesa com um endereço escrito num pedaço de papel, sem explicar o que era, mas garantiu que não era nada de mais. O pacote tava em nome de uma Solange, mesmo nome da minha mãe. A grana dava pra gasolina, pro lava-rápido e ainda ia salvar meu fim de semana.

Quando fui organizar com o Dr. Carlos, ele já tava sabendo, o Rui já tinha liberado com ele também. Eram umas quatro quando entrei no elevador, eu e o playboy novo da Marcinha. “Já deu por hoje?” Filho da puta, também deve achar a gente tudo vagabundo, só porque mora do lado de lá da ponte.

O santinha tava pegando fogo. Não achei uma sombra pra estacionar e o sol ainda tava ardido. Joguei a garrafa d’água que tava lá dentro derretendo pra tentar limpar um pouco a bosta do passarinho que já tava esturricada, paciência. O trânsito tava suave e levei menos de cinquenta minutos pra chegar lá na Solange. Uma rua sem saída cheia de sobradinho, um colado no outro. O da Solange era o cento e quarenta e um. Não tinha campainha, então bati palma na porta já meio impaciente. Enfiei a mão pelo quebra-vento e buzinei moderadamente, porque não sou mal educado. Já tava quase desistindo, quando vi a Solange abrir uma brecha da porta da frente, se explicando. “Estava no banho! É entrega?” “Me pediram pra trazer esse pacote aqui pessoalmente.” “Pra

mim, bebê, tava esperando o dia todo. Pode entrar que você vai levar uma encomenda de volta, preciso só colocar uma roupa e você me espera rapidinho.” “Vai na paz, espero aqui no carro mesmo.” “Entra, bebê! O bairro é perigoso.”

Entrei desconfiando, Solange fechou a porta atrás de mim descalça e ainda molhada, segurando a toalha com uma mão e só quando o olhar se acostumou com o escuro do lado de dentro pude ver o tamanho da barriga. Baseado no tamanho, eu diria que Solange devia estar grávida de uns cinco bebês há uns doze meses. “Como você se chama, bebê?” A mulher era a doida dos bebês, pensei comigo. “Paco. É Patrício, mas todo mundo me chama de Paco, graças a deus.” “Volto já, bebê. Você pode me esperar aqui na cozinha. Tem biscoito de polvilho ali naquela forma coberta no fogão, eu que faço, pode pegar. E os copos ficam ali naquele armário, tem água na porta da geladeira.”

Solange subiu as escadas do sobrado em direção ao que imaginei ser o quarto e voltou uns dez minutos depois usando um vestido azul cheio de florzinha. Parecia uma capa de botijão de gás que tinha na casa da minha vó. Pegou o pacote do Rui sem o menor interesse e deixou de lado pra rasgar uma folha de caderno e escrever um bilhete. Enquanto colava na boca mais um palito de polvilho oferecido por ela, Solange forçava no papel a caneta já claramente sem tinta. “Vou precisar de outra caneta, você tem uma aí, bebê?” Infelizmente não tinha. A vida é mesmo um troço muito louco, porque sempre ando com uma caneta.

Solange pediu meu celular emprestado pra procurar um endereço e foi com ele na mão até o andar de cima buscar a outra caneta. Aproveiei pra usar o banheiro. Enquanto me espremia no banheiro apertado no fim de um corredor que dava pra uma sala e um quintalzinho nos fundos, ouvi o estouro do primeiro tiro vindo da porta da frente. Na sequência, foi tudo muito rápido, uma mistura confusa de grito, choro, palavrão, coisa quebrando, porta batendo, mais explosão. As vozes se atropelavam. Súplica, choro, muito choro, ódio, choro de novo, um grito bem agudo, um som abafado, por último mais um tiro e depois o silêncio. Alguém desceu as escadas apressado e o portão bateu do lado de fora.

Quis correr até o carro, mas não lembrava onde tinha deixado as chaves, nem o celular. Deve estar na cozinha, pensei, perto do fogão. Abri a porta do banheiro com medo de chamar atenção de alguém que ain-

da pudesse estar por ali, mas, o que quer que tivesse acontecido, já era, tava feito. Da cozinha ouvi meu telefone tocar no andar de cima e, sem nem pensar muito, subi pra procurar.

Nunca tinha visto uma cena daquela. Tá ligado Kill Bill? Enquanto cus-pia sangue, Solange conseguiu dizer “me ajuda bebê, ela vai nascer”. Com a mão tremendo segurei sua mão molhada. O vestido azul coberto de sangue. Embaixo dela uma poça se acumulava. Ela apertou minha mão e disse muito firme “vai nascer agora e você vai ajudar”. Procurei meu celular no meio da bagunça dos móveis quebrados e da pilha de roupa jogada no chão, tudo muito sujo e ensanguentado. Solange novamente puxou minha mão, olhou direto no meu olho com a voz já fraca, mas ainda certeira: “Não dá tempo pra nada, pega uma toalha, vai nascer”.

Achei um lençol e uns panos no meio da pilha de roupa, forrei o chão e coloquei um travesseiro de apoio no pescoço dela, sentei de frente para as pernas abertas, ajudei a dobrar os joelhos pra facilitar a expulsão e já vi a cabeça saindo. Pela segunda vez no dia tive que segurar o bucho pra não vomitar. Solange chorava agora bem baixo, já quase sem força, e eu tentei fazer como tinha visto em filme, me sentindo metade herói metade cuzão, porque nunca senti tanto medo na vida. Sem soltar a mão dela, pedi que tentasse fazer força e ajudei empurrando a barriga na parte onde ela tentava colocar a minha mão. Deu um último grito que nem sei como foi que saiu, e o bebê escorregou mais um pouco pra fora e consegui puxar devagar pela cabeça, com medo de quebrar. Parecia filme de terror, tá ligado?

O bebê saiu chorando muito de dentro daquela barriga enorme da Solange, molenga, meio acinzentado, mas sem nenhum arranhão. Enrolei ele no pano menor e coloquei sobre o peito dela, enquanto me apoiava na parede pra recuperar o fôlego. “Solange”, disse ela. “Vai chamar Solange.” Foi a única coisa que conseguiu dizer antes de morrer ali, na minha frente, com a bebê sobre ela.

Passei o olho pelo quarto atrás do meu telefone, que começou a tocar de novo, embaixo dela. Tateei, levantando com dificuldade o peso morto, e consegui atender a chamada insistente do número desconhecido.

“Puta merda, Paco, ainda bem cê atendeu! Te passei o endereço errado. Cê ainda tá com o pacote?” ■